

SANGUE NEON

AMOSTRA

SANGUE NEON

AMOSTRA

MARCELO
HENRIQUE
SILVA

FARIA
E SILVA

AMOSTRA

Aos que inspiraram os personagens deste livro.

01 ÓLEO	11
02 PLEXO	25
03 TOMOGRRAFIA	35
04 SEMENTES	41
05 VETOR	61
06 ESPERA	77
07 IDAS	89
08 MOFO	105
09 BAGAGENS	117
10 VINDAS	125

11
TORRE **143**

12
TEMPO **153**

13
NEON **169**

AMOSTRA

*Pois repito, aquilo que eu supunha fosse o caminho do inferno está
juncado de anjos. Aquilo que sua treva parecia, guarda seu fio de luz.
Nesse fio estreito, esticado feito corda bamba, nos equilibramos todos.*

– Caio Fernando Abreu

01 ÓLEO

O óleo descansava incolor dentro de garrafas plásticas em banho-maria naquelas painéis com água morna. Com o rabo empinado para o alto, apertei as garras da madrinha com força — o tato reconhecendo a temperatura do gelo e o beijo do álcool. De tra-seiro adormecido e pipocado por bolinhas de arrepio, fui avisada da infusão de anestesia: quatro picadelas ardidadas em pontos diferentes dos glúteos e logo a pele formigou de vez. Habilitada, a velha retirou um pano de cima da cuba estéril, revelando um conjunto de agulhas grossas feito dedos de bebê. Era uma travesti mais antiga que estudava minha cútis, avaliando como uma cirurgiã experiente cada traço a ser manejado — onde que sim e onde que não — os olhos atrás de lentes grossas escoradas no nariz curvo. Esmiuçava meu corpo, mensurando com seus palmos distâncias que só ela traduzia. Sua peruca jazia malcuidada, quebradiça, a maquiagem úmida craquelada de suor. Não uma ordinária travesti de esquina, seu ofício era outro. Trabalho de artesã, o das bombadeiras.

Sobre meu corpo estendido no colchão junto aos ácaros, a janela descortinada da parede denunciava pelo fiapo de luz uma tarde de céu encardido. Penetrava pelas frinchas da madeira do quarto um raio solar manchado, poeirento. Espremíamos-nos em um conjunto habitacional daqueles que não mais resistem, certificados como insalubres e condenados à demolição de suas fundações e de sua lembrança. Sustentado por muros de arrimo, esparramava-se pela encosta um labirinto de corredores estreitos,

portas carcomidas por carunchos, fios soltos desencapados, pedaços de teto que vieram ao chão e escadas que serviam para pontos de encontro e brigas. Aposentos apertados, abrigando em seu ventre morno as figuras mais espúrias do bairro: ocós fugitivos da polícia, viúvas pobres, padres desertores da batina, imigrantes ilegais, beatas, viciados com veias furadas, e, claro, nós.

Amontoadas ali, compartilhávamos banheiros comunitários por onde se despejava urina, gozo e merda, por onde excretávamos nossa nena. Mesmo contra a vontade, decompúnhamos as vidas uns dos outros, tudo pelos poros daquelas paredes finas e assoalhos tomados por trincas e mofo. Rachaduras largas, tão dilatadas que por vezes nos permitiam espiar a vida privada dos inquilinos por baixo e pelos lados, cada uma com os seus: acamados emporcalhando urinóis pelo lado direito da cama, mães com filhos barrigudos a escolher qual boca alimentar, velhas murchas apegadas aos terços. Enxergávamos aquilo que nossos olhos tinham a decência de ver e era honesto o alívio por não ser o vazio da rua. Com aqué suficiente para bancar um espaço que pudéssemos chamar de nosso. Ainda não um palácio, mas, se espaço, um lar. Mesmo ali.

O óleo era nada mais que parafina industrial, substrato para combustível de caminhão e jato. Uma substância viscosa, tão espessa que as bombadeiras precisavam imprimir força sobre-humana para empurrar os êmbolos contra carne enrijecida. Daí o apelido. Era um serviço braçal, mecânico, como quem bombeia petróleo para fora da terra. Mas ali elas bombeavam para dentro, para nossa intimidade. Uma reima que preenchia o interstício entre os ventres dos músculos e fâscias, escorrendo pela concavidade dos revestimentos, esculpindo relevo em silhueta reta. Uma engenharia a moldar sinuosidade, na construção de quadril curvo, nádegas voluptuosas, vitrine que atraísse clientes. Algo que nos

afastasse do corpo funil masculino. Ganhava mais dinheiro quem tivesse mais litros de óleo no corpo. Escolhíamos bunda, coxas e palmex porque chamavam mais atenção. Algumas se arriscavam a injetar nos seios, embora de alto perigo pois costumava escorrer e empedrar o lado de dentro do coração.

Naquela tarde havia quatro buracos em meu traseiro, perfurados por agulhas maciças, ancoradas feito espetos na gordura sob a pele. Olhando para trás, contemplei com olhar maternal as seringas cheias. Uma a uma, a bombadeira empurrava seu conteúdo hialino lentamente, sentindo o preenchimento inflar a pelve. Quando o êmbolo tocava o fim do frasco, seguia para o próximo, e depois para o seguinte. Pacientemente, substituía as ampolas por outras cheias, recomeçando inúmeras vezes o lento e penoso processo.

Madrinha Veronesa ostentava quatro litros nas pernas, Banana três e meio na bunda, Érica dois nas mamas. Todas com aquela mesma bombadeira e a mesma classe de óleo — viscosidade sessenta mil barras — importado por um fornecedor da Mooca. A velha exibia orgulhosa seu catálogo de modelos, certamente omitindo aquelas em que o óleo se fez pus e escara. Com uma mão folheava as páginas enquanto a outra se ocupava em bombear. Por vezes se esquecia do último ponto e percutia a superfície com os dedos para descobrir pelo eco do tato qual espaço da carne já havia preenchido.

Deu-se por satisfeita após ouvir meu enésimo protesto. As nádegas edemaciadas, duras. No lugar das agulhas permaneceram quatro orifícios que ela fechou com superbonder e tapou com algodões antes de ir embora apressada, muitas carnes ainda a se bombear. Corri ao espelho e torci o pescoço para conseguir me enxergar de costas, buscando aprovação das amigas. Sacolas plásticas apertavam firmes as coxas para segurar o óleo no lugar.

O efeito da anestesia já passava e comecei a sentir pontadas latejantes nas ancas. Érica alcançou seu quarto e logo voltou com um coquetel de pílulas dentro de um tubinho lacrado. Uma para ardência, outra para mal-estar, aquela menor para a febre que costuma aparecer — hábito comum entre nós ter remédio para tudo. Comprimidos, chás, incensos, massagens, mandingas, feitiços e encantos. Nenhuma jamais havia se consultado com médico. Quando adoecemos fazemos nossos próprios diagnósticos, damos opiniões até que se chegue a uma forma de consenso: artrite, lumbago, quebranto, cobreiro, barriga d'água. Prescrevemos umas às outras o melhor tratamento.

Dois dias de repouso, o tempo exigido para que o aplique não se complicasse com gangrena ou nódulos. Encarei as três por alguns segundos, consternada, enquanto se preparavam para aquele ritual de transformação. Veronesa deu uma última piscadela, depois de se despedir faceira, levando consigo as bixas. O sol já caía e era hora de se arrumar para mais uma viração.

*

Viração era correria, luta por prazer e sobrevivência, a arte de gerar efeito sem causa — ato que nascia no instante em que o dia morria, quando a claridade se fazia breu. Pois nossa vida estava condicionada à noite, pelas horas que transcorriam no hiato em que todos os outros dormiam. Naquele tempo, a ideia de alguém como nós desfilando em plena luz solar pela cidade era descabida. Enquanto ele reinava, permanecíamos nos cortiços, escondidas, resignadas, como vampiras, ocupando-nos com depilações, filmes na televisão, tinturas nos cabelos, drogas e rezas.

Banana era filha de Iansã e Veronesa de Logun-Edé. No começo eu achava graça quando elas se chamavam assim, filhas dos

santos, distribuindo por esquinas pratos com sabores e aromas, velas sempre a queimar odores na escuridão da noite. Algumas rodavam ao som dos atabaques, manifestando entidades pelo corpo travesti. Penduravam altares em seus quartos com muitas imagens, incensos e velas, separando parte das horas do dia, entre amores e descansos, com as obrigações do ilê. Sempre convencidas de que estavam com mau-olhado, benziam-se constantemente esfregando incensos e encantos pela pele.

Nossa posição na rua variava com frequência, assim como o corpo modificado. Costumava ser em alguma esquina onde lográvamos acordo e proteção. A madrugada quente e modorrenta se expandia pelo céu preto sem estrelas, manto escuro e pesado, um véu por onde apenas ratos e baratas nos faziam visita através das vielas e bocas-de-lobo. Sentadas no meio-fio, falávamos mal das prostitutas amapoas que passavam por ali e disputavam os ocós, criticando cabelo, roupa e desleixo. Érica enrolava uma taba e tentava assaltar os desprevenidos que ousavam fazer pouco caso de sua presença, tomando relógios, correntes e carteiras com dedos ágeis. Vivia se queixando do montante que ainda faltava para realizar o sonho da famosa cirurgia, a metamorfose que arriscavam do outro lado do mundo. Dizia que seria mulher de verdade. Banana preparava a vista, a fim de puncionar as veias que seriam alvo das injeções de cocaína diluída. Desastrada, já havia estourado duas e bufava impaciente:

— Dizem que a travesti enlouquece quando vira amapoa. Não tem pra onde o gozo sair, sobe pra cabeça, a bixa perde o juízo. Já viram viado com gozo na cabeça? Parece o diabo. Desde quando a gente precisa de buceta pra ser mulher?

Érica abriu a endaca, pronta para o confronto — bastava uma leve fagulha para que nos atracássemos uma à outra, arrancando peças íntimas e expondo o órgão da rival em praça pública. Mas

um ronco de motor ao longe dispersou nosso instinto de leões. Um carro da polícia passou devagar, destacando-se preguiçosamente da silhueta do breu, seus vidros fechados e opacos. Era comum que circulassem com suas rondas por ali, e muitas de nós já estávamos familiarizadas com as celas frias das delegacias no subúrbio. Engaioladas na companhia de todo tipo de gente criminosa, costumavam ensopar o chão com água fria a cada hora para evitar que deitássemos para dormir e se recusavam a nos liberar enquanto mantivéssemos a aparência feminina. Por isso, sempre saíamos com uma trouxinha de roupas de homem quando nos prostituíamos — ou contávamos com amigas que nos levavam as peças para o resgate. Pedi que as bixas escondessem os padês pois poderiam usá-los como desculpa para nos importunar. Apagaram então cigarros e ocultaram agulhas em bueiros. Banana se pôs de pé e trazia as mãos repousadas na cintura fina de modelo parisiense:

— Tô cansada dessa paradeza.

Seu namorado era homem durante o dia, mas se montava à noite e batia ponto numa praça não muito longe dali. Dávamos risada da situação. Geralmente a relação entre bofe e travesti era quase acordo, um tipo de contrato social pago na forma de agrados. E os agrados vinham na figura de presentes: roupas, calçados, mesada, perfumes. Não se deveria esperar carinho ou amor e jamais se via travesti passeando pela rua com seu macho, trocando juras pelos bares. Talvez fosse por isso que Banana horrorizava as amigas com seu arranjo fora dos costumes. Pois se o bofe a quisesse como sua, ele que sentisse na própria pele o que era ser travesti.

Como se atraída por nosso fastio, a viatura deu a volta no parque. A sirene deu uma piscada e emitiu um alarme breve, como um código que não conseguimos decifrar. O carro fez uma

baliza desleixada e encostou na outra extremidade da rua. Do banco do passageiro um aliban com pança avantajada e mala murcha sob o zíper nos abordou.

— É proibido ficar na rua, policial? — provocou Érica, impaciente, jogando o aplique no ar.

Outros dois desceram e ordenaram que nos espremêssemos contra a porta de correr de um boteco fechado do outro lado da esquina. Sobre as paredes urinadas, pichações pediam justiça. Mãos famintas por coerção nos apalpavam com voracidade, apertando partes, invadindo bolsas e despejando segredos ao chão. Tentei oferecer o presente, mas não mostraram interesse.

— Abre a boca, viado. — ordenou o mais velho, revólver na mão, ao que Banana obedeceu contrariada, arreganhando a endaca com má vontade. Cuidadosamente, dançou com as pontas dos dedos pelo vão entre a bochecha e a parte de baixo dos dentes, numa coreografia que só nós conseguíamos performar, parte da rotina das meninas de rua. Ao final do número, exibiu na palma da mão três compridas lâminas afiadas e muito bem polidas.

— É pra defesa pessoal, sargento. Somos presas fáceis nesta escuridão.

— E homens desse tamanho não sabem se virar sozinhos?

Ao percebermos que o suborno não funcionaria, fizemos menção de correr, mas o salto alto e a calçada esburacada me traíram já no primeiro passo. Caí ao chão tão logo senti o chute contra as costelas e o primeiro gosto acobreado de sangue na boca. Ouvi as meninas gritarem e a visão enturvou. Meu corpo esculpido se tornou uma boneca flácida que manipularam camburão adentro, acelerando avenida afora por curvas, vértices e freadas bruscas que arremessavam cabeça contra cabeça e olhos contra maquiagem. Tudo girava, as luzes dos postes unidas num feixe contínuo e cintilante, as vozes das bixas soando distantes e abafadas. Com

um baque, o carro estacionou no vazio. Segurando meu guia com força, implorei por intervenção de Ogum. Só enxergávamos mato, terra e céu escuro. De olhos vendados, caminhamos às cegas por alguns metros de chão duro; em seguida, exigiram que nos ajoelhássemos em preces. E então foi a vez dos policiais começarem sua própria dança. Mas era um bailado deselegante, grosseiro, movido a cacetete, pedra e pau. O barro que pertencia ao solo invadia território do nariz, inundando a boca com o gosto de cobre.

— Na bunda não, pelo amor de Deus! Eu tenho óleo! — implorava Érica, protegendo-se com todas as partes de si mesma que conseguia encontrar.

Ávidos, os homens da lei convergiam as investidas contra os pontos em que julgavam haver maleabilidade. Dada a sua natureza pegajosa, o líquido podia escorregar para outras regiões do corpo, relevos esses que muitas das vezes nos deixavam disformes, marcadas como a lua com seus caroços, vãos e crateras. E eles gargalhavam, regozijando-se ao ver que esculpiam com suas próprias mãos cicatrizes permanentes na pele das pecadoras, verdadeiros artefatos do diabo. As lágrimas se misturavam ao escarro que descia das narinas, um rio que borrava cosméticos, tons azulados com toque de glitter.

Golpearam até julgarem não haver mais carne a ser batida ou óleo a ser modelado. Quando paramos de gritar, nos apanharam inertes pelos cabelos e numa cisão seca cortaram os fios à faca. O picumã é como um troféu para a travesti. Passávamos a maior parte de nossos dias falando sobre ele, descobrindo os melhores produtos, o comprimento mais bonito, as mechas mais adequadas para os traços de cada uma. Investíamos grande parte do aque comprando apliques e perucas importadas, objeto de despeito e admiração das invejosas. Éramos a imagem que construíamos.

Assimétricas, carecas e tingidas de marrom, cuspidos fragmentos dentários e coágulos espessos, nem nos demos conta de quando se foram. Notamos que o crepúsculo já pintava as nuvens de lilás quando a consciência se ligou de novo. Deitadas na grama, de mãos dadas, assistimos juntas e em luto ao lento e romântico nascimento de mais um dia pela viela da periferia. Mudadas, como as plantas de galhos retorcidos que resistem ao calor, e bêbadas pela sanha, ali permanecemos no solo, como se fôssemos parte dele. E, assim como o sol que já aquecia a pele embaçada, bem naquele instante, nosso picumã cresceu de novo.

*

Becos, praças e cortiços se interpunham como tumores aos caminhos que atravessávamos em direção ao palácio. Sempre houve aquela silhueta inchada no fim da estrada. Do lado de fora da janela do Escort branco, o mundo seguia o curso natural — rio poluído com suas máculas e violências, favelas e semáforos, poeira e vitrines, estampas e posições. Mas era do lado de dentro que fazíamos nossa própria festa, cantando hinos de vitória, embaladas por mãos mais experientes que conduziam o volante e trocavam as marchas no ritmo que agora impúnhamos. Mãos já enrugadas, gastas. No banco do passageiro, madrinha Veronesa olhava com ternura para as meninas de trás. Érica e Banana se esticavam de pernas abertas e cigarros nos dedos, a música alta reverberando pelos esqueletos de bebidas acumuladas no assoalho. Estavam mais roliças, os olhos maliciosos, fustigadas pelos anos de labor. Havia também mais hormônio e litros de óleo pelas extremidades, alguns pontos injetados por mim mesma, tendo eu aprendido a arte de bombear nos percursos para ganhar dinheiro. Nota a nota, moeda a moeda, todo o fluxo de